EXPRESSO/ACTUAL – 17 de Janeiro de 2009

VENENO CURA
de Raquel Freire

Três histórias de mulheres – presas em relações amorosas e em situações familiares extremas. À beira do inferno ou da redenção.

A estrutura é fragmentária, Raquel Freire não conseguiu os laços unificadores para cerzir as histórias limite de três mulheres a quem o corpo, a libido, a vida conduziram a vertigens e a abismos. E porque quis tocar as cordas últimas onde se enforcam os desesperos, não há que esperar uma fácil digestão para algo que, evidentemente, tem mais riscos que arrimos. Por isso “Veneno Cura” não é um filme equilibrado – mas é um filme com verdade dentro. Quer dizer: eu acredito naquela gente (que actrizes, meu deus!) e nas suas dilacerações tão indiscutíveis como as galinhas a quem se corta o pescoço e que por ali andam, estrebuchando. Acredito e comovo-me, mesmo quando vejo ritualizações de deboche que me parecem periclitantes. Digamos que o sangue que corre nas veias desta fita é quente e contagiante. E é sobretudo isso que devemos pedir a um filme. **J.L.R.**